

Cidades.

Presos e a música clássica

Um coral formado por detentos do Complexo de Xuri e do Presídio Feminino de Cariacica faz hoje uma apresentação de música clássica no Teatro do Sesi, em Vitória. *Páginas 6.*

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

SECA NO ES

BACIA DO JUCU

UM RIO À BEIRA DA MORTE

Além da seca, há problemas também de degradação ambiental

▄ **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redgazeta.com.br

Para ambientalistas, pescadores e quem vive às margens do Jucu não há dúvidas: o rio está à beira da morte. Aliado aos graves problemas de poluição, degradação, assoreamento e construções irregulares, enfrenta agora as dificuldades decorrentes da estiagem que atinge toda a região Sudeste.

E não é o único que precisa de cuidados. O Rio Santa Maria da Vitória que, junto com o Jucu, responde pelo abastecimento da Grande Vitória, também enfrenta graves dificuldades. Aos dois se somam outras bacias do Estado, que sofrem com os reflexos da seca.

Em Baixo Guandu, por exemplo, há braços do Rio Doce completamente secos. Em Colatina, o volume de água no rio reduziu tanto que a captação de água para abastecimento da população está sendo garantida com bombas.

MUDANÇA

Não é diferente no Rio Jucu, onde o nível de água também anda muito baixo, como relata o pescador Marcelo Farich, 47 anos: "Em locais onde tinha até medo de atravessar, de tão fundo, hoje passo a pé".

Quem navega pelo leito do Jucu pode até pensar que a vegetação tão verde nem de longe lembra uma fase de seca, mas os sinais estão presentes. Há ilhas formadas a partir de bancos de areia, pedras agora expostas e vegetação que começa a reduzir as margens do rio.

O ambientalista Eduardo Pignaton, que desde

ALERTA

"O Jucu é responsável pelo abastecimento de mais de 1 milhão de pessoas da Grande Vitória. Precisa receber mais atenção, com urgência, do governo do Estado"

EDUARDO PIGNATON
Ambientalista

1988 monitora o Rio Jucu e há 25 realiza descidas ecológicas, conta que a situação só vem piorando nos últimos anos: "Há locais onde agora só tem 15 centímetros de água."

O que tem sustentado o Jucu, na avaliação de Pignaton, é o fato de sua nascente, em Domingos Martins, Região Serrana, ter uma boa cobertura florestal. "O mesmo não se pode dizer das partes baixas do rio, a partir de Viana, onde a degradação é maior, ele está mais assoreado", diz o ambientalista.

A situação se agrava com o volume de esgoto que desemboca no Jucu, principalmente em sua foz. Prova disso veio da última análise feita em 2013 para a ONG Associação Barrense de Canoagem. No leito do rio, foi constatado 11 mil coliformes fecais para cada 100 mililitros de água.

Mais próximo à foz, no encontro com o Canal do Congo, o número sobe para 47 mil coliformes fecais/100 ml de água, e atinge 150 mil coliformes fecais/100 ml de água no Canal de Araçás. "É uma contaminação significati-



GUILHERME FERRARI

Uma década de degradação, assoreamento e poluição

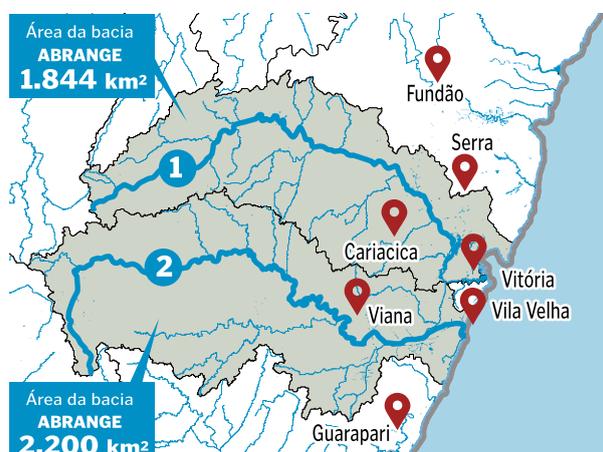
Na última década, ele acompanhou as transformações ocorridas no Rio Jucu, onde os peixes agora são artigos de luxo.

"O rio está cheio de ilhas formadas por bancos de areia que não existiam. Há locais onde não dá para navegar"

MARCELO FARICH, 47 anos, pescador

RAIO-X

Vítimas da seca e de outros graves problemas, os rios Jucu e Santa Maria da Vitória são os responsáveis pelo abastecimento da **Grande Vitória**



PROBLEMAS

- Poluição**
(lixo, esgoto, agrotóxico)
- Degradação**
- Assoreamento**
- Construções irregulares**
- Redução do seu volume de água**

1 Rio Santa Maria da Vitória

Extensão 122 km, da nascente, em Santa Maria de Jetibá, até a Baía de Vitória

Municípios afetados: Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Serra, Cariacica e Vitória

2 Rio Jucu

Extensão 168 km, da nascente, em Domingos Martins, até a foz, na Barra do Jucu, em Vila Velha

Municípios afetados: Domingos Martins, Marchal Floriano, Viana, Vila Velha e Cariacica

va", pondera Pignaton. Ele é um dos que cobram ações urgentes do governo estadual no sentido de promover a recuperação do rio.

Ações que precisam alcançar também o Rio Santa Maria da Vitória. Por lá, acrescenta Pignaton, até a nascente está sendo desmatada: "O que salva o Santa Maria, que faz com que ainda tenha água em seu leito, é o lago criado pela usina de Rio Bonito. Não fosse isso estaria com o leito seco", diz, destacando que a degradação na região é muito forte.

POUCA CHUVA

Segundo o Centro Capixaba de Meteorologia do Incaper, tanto a bacia do Jucu quanto a do Santa Maria da Vitória enfrentam um período de pouca chuva. Em Aracê, onde fica a cabeceira do Jucu, de janeiro a agosto deste ano, choveu 483,8 milímetros. É o terceiro período mais seco desde 1976. Segundo o meteorologista Bruce Pontes, a média de chuva para a região é de 728,8 milímetros.

Em Viana, onde o rio desemboca, a situação não é diferente. Choveu de janeiro a agosto deste ano 535,2 milímetros, sendo o quinto período mais seco desde 1985. A média da região é de 859,6 milímetros.

Já a região da nascente do Santa Maria da Vitória, em Santa Maira de Jetibá, vive o 12º ano mais seco desde 1948, com chuva de 460,3 milímetros de janeiro a agosto de 2014. A média de chuva lá é de 662,2 milímetros.

gazetaonline.com.br

Confira galeria de fotos e depoimento de ambientalista sobre a situação do Rio Jucu.

SECA NO ES

GUILHERME FERRARI

Plano para recuperação de rios até dezembro

Estudos são para as bacias dos rios Jucu, Santa Maria da Vitória e Benevente

Os planos que vão traçar os projetos prioritários de recuperação e as metas de qualidade da água nas bacias dos rios Jucu, Santa Maria da Vitória e Benevente devem ser concluídos até o final deste ano. A expectativa é de Fábio Ahnert, diretor-presidente da Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh). “Um investimento de R\$ 2 milhões”, destacou.

Um alento para quem vivencia o drama do Rio Jucu, a cada dia com um volume menor de água. “Há locais com apenas 15 centímetros de água”, destaca o ambientalista Eduardo Pignaton.

São algumas das ações que vão ajudar o Estado a enfrentar os problemas com a estiagem, avalia Ahnert. Ele destaca que as bacias dos rios Santa Maria do Doce, Guandu, São José, Pancas, Santa Joana, Barra Seca e Itaúnas são as que mais sofrem com o chamado déficit hídrico – regiões onde a ocorrência de chuva é menor do que o esperado. Segundo levantamento do Incaper, a estiagem atinge hoje quase 60% do Estado.

Regiões onde já ocorreram até conflitos pelo uso da água, principalmente para irrigação. Os casos aconteceram em 13 municípios na bacia do Rio Doce e um na bacia do Rio São Mateus.

Parte deste problema, reconhece Ahnert, é causada pela degradação for-

te principalmente nas nascentes, que sem a cobertura florestal ficam desprotegidas. Sem contar as muitas áreas de pastagens que ajudam a ampliar o impacto ambiental.

“Por isso temos investido no programa Reflorestar, que visa a fomentar práticas que induzam a uma maior proteção do solo e que ainda gera renda para o produtor”, diz o diretor, acrescentando ser este um investimento de R\$ 25 milhões.

A agência quer investir ainda na construção de barragens e em estações de monitoramento hidrológico, ampliando para um total de 20 até 2015. Elas vão ajudar a intensificar o monitoramento das chuvas e a vazão dos rios, bem como a qualidade da água.



Eduardo Pignaton mostra áreas do Rio Jucu onde o nível da água é baixo

Aparelho economiza água na irrigação

Com o objetivo de incentivar o uso racional de água no Rio Doce, produtores rurais às suas margens estão recebendo um irrigâmetro. O equipamento ajuda a controlar a quantidade de água necessária à irrigação. “Com ele o produtor economiza água, energia e melhora a sua produção”,

explica o engenheiro Eduardo de Freitas Costa, do Instituto Bio-Atlântico.

O projeto vai ser desenvolvido em 240 propriedades ao longo do Doce, das quais 40 serão no Espírito Santo até o próximo ano. “Em cidades como Colatina, Itaguaçu, São Roque e Santa Teresa”, relata Antonio De-

muner, presidente do comitê da Bacia do Rio Doce.

O custo do projeto é de R\$ 1,6 milhão, sendo R\$ 277 mil para o comitê do Doce. Um valor custeado pela outorga concedida a quem usa a água do rio para irrigação.

Costa garante que o equipamento ajuda a economizar água com irrigação e dá retornos financeiros aos produtores. Prova disso é a fila de espera aguardando a instalação do irrigâmetro.